

**A formação do psicólogo perpassada pela inclusão educacional no ensino superior –  
relato de experiência**

**The psychologist's training permeated by educational inclusion in university education -  
experience report**

**La formación del psicólogo permeada por la inclusión educativa en la educación  
superior - relato de experiencia**

Recebido: 31/08/2020 | Revisado: 07/09/2020 | Aceito: 08/09/2020 | Publicado: 10/09/2020

**Débora Rocha Carvalho**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2849-8632>

Universidade de Fortaleza, Brasil

E-mail: [deboradrc@gmail.com](mailto:deboradrc@gmail.com)

**Ana Rebeca Medeiros Nunes de Oliveira**

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0983-4154>

Centro Universitário Christus, Brasil

E-mail: [anarebecamn@hotmail.com](mailto:anarebecamn@hotmail.com)

**Rafaelly Naira Silva**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0130-1852>

Universidade de Fortaleza, Brasil

E-mail: [rafaellynaira@hotmail.com](mailto:rafaellynaira@hotmail.com)

**Terezinha Teixeira Joca**

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3540-9450>

Universidade de Fortaleza, Brasil

E-mail: [terezinhajoca@unifor.br](mailto:terezinhajoca@unifor.br)

**Marilene Calderaro Munguba**

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3663-9282>

Universidade Federal do Ceará, Brasil

E-mail: [mungubamarilene@delles.ufc.br](mailto:mungubamarilene@delles.ufc.br)

**Resumo**

O presente estudo tem como objetivo descrever as atividades realizadas por três psicólogas que desenvolveram o estágio psicoeducativo no Programa de Apoio Psicopedagógico (PAP) da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) na perspectiva da psicologia educacional, perpassada

pela proposta de acessibilidade e respeito às diferenças no Ensino Superior. Trata-se de um relato de experiência de estágio em Psicologia Educacional e pesquisa documental, referente aos registros da orientadora de estágio, relatórios e transcrições de atendimento em diário de campo das três estagiárias do curso de Psicologia. O local do estudo, conhecido como PAP, é o setor responsável pela promoção da acessibilidade e da inclusão da universidade, além de se constituir campo de estágio para os estudantes de Psicologia. As estagiárias, em questão desenvolveram as suas atividades em períodos diferentes (2015-2019), de acordo com a data do ingresso na universidade e da colação de grau, de cada uma, e da oportunidade de estágio oferecida pelo programa. Adotou-se análise temática, definindo os núcleos temáticos: agente de acessibilidade e inclusão; apoio psicopedagógico; apoio psicológico; e facilitadoras de oficina de habilidades emocionais. Compreendeu-se que devido a pluralidade das atividades realizadas no estágio, ocorreu o desenvolvimento de competências e habilidades para lidar, acolher e acreditar nas pessoas com deficiência ou necessidades educacionais específicas. Conclui-se que, para as três estagiárias, essa vivência na perspectiva da Psicologia Educacional ofertada pelo PAP, contribuiu significativamente para a modificação de olhares, de conceitos, de comportamentos e de novas construções conceptivas acerca das diferenças e do respeito a elas no âmbito do Ensino Superior.

**Palavras-chave:** Inclusão; Formação do psicólogo; Ensino superior.

### **Abstract**

The present study aims to describe the activities carried out by three psychologists who developed the psychoeducational internship in the Programa de Apoio Psicopedagógico (PAP) of the Universidade de Fortaleza (UNIFOR) from the perspective of educational psychology, permeated by the proposal of accessibility and respect for differences in University education. This is a report of an internship experience in Educational Psychology and documentary research, referring to the internship advisor's records, reports, and transcripts of attendance in a field diary of the three interns of the Psychology course. The study site, known as PAP, is the sector responsible for promoting accessibility and inclusion of the university, in addition to being an internship field for Psychology students. The trainees in question carried out their activities in different periods (2015-2019), according to the date of admission to the university and the degree, each one, and the internship opportunity offered by the program. Thematic analysis was adopted, defining the thematic nuclei: agent of accessibility and inclusion; psychopedagogical support; psychological support; and facilitators of emotional skills workshops. It was understood that due to the plurality of

activities carried out in the internship, there was the development of skills and abilities to deal with, welcome and believe in people with disabilities or specific educational needs. It is concluded that, for the three interns, this experience in the perspective of Educational Psychology offered by PAP, contributed significantly to the modification of looks, concepts, behaviors and new conceptual constructions about differences and respect for them in the context of University education.

**Keywords:** Inclusion; Psychologist training; University education.

### **Resumen**

El presente estudio tiene como objetivo describir las actividades realizadas por tres psicólogos que desarrollaron la pasantía psicoeducativa en el Programa de Apoyo Psicopedagógico (PAP) de la Universidade de Fortaleza (UNIFOR) desde la perspectiva de la psicología educativa, permeada por la propuesta de accesibilidad y respeto a las diferencias en la Docencia. Mayor. Este es un informe de una experiencia de pasantía en Psicología Educativa e investigación documental, haciendo referencia a los registros, informes y transcripciones de asistencia del supervisor de la pasantía en un diario de campo de los tres pasantes del curso de Psicología. El centro de estudios, conocido como PAP, es el sector responsable de promover la accesibilidad e inclusión de la universidad, además de ser un campo de prácticas para estudiantes de Psicología. Los becarios en cuestión desarrollaron sus actividades en diferentes periodos (2015-2019), según la fecha de ingreso a la universidad y el título, cada uno, y la oportunidad de prácticas que ofrece el programa. Se adoptó el análisis temático, definiendo los núcleos temáticos: agente de accesibilidad e inclusión; apoyo psicopedagógico; apoyo psicológico; y facilitadores de talleres de habilidades emocionales. Se entendió debido a la pluralidad de actividades realizadas en la pasantía, se produjo el desarrollo de habilidades y habilidades para atender, acoger y creer en las personas con discapacidad o necesidades educativas específicas. Se concluye que, para los tres pasantes, esta experiencia en la perspectiva de la Psicología de la Educación que ofrece el PAP, contribuyó significativamente a la modificación de miradas, conceptos, comportamientos y nuevas construcciones conceptuales sobre las diferencias y el respeto a las mismas en el contexto de Enseñanza superior.

**Palabras clave:** Inclusión; Formación de psicólogos; Enseñanza superior.

## 1. Introdução

A partir do advento do paradigma da inclusão, na Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), o Brasil se comprometeu a não deixar mais os alunos com deficiências em situação de exclusão escolar. Com isso, houve o aumento dessas pessoas inseridas no Ensino Superior, o que gerou a necessidade de preparação e desenvolvimento de competências do psicólogo em formação, visando uma atuação satisfatória para com esses alunos no contexto educacional, pois, “identifica-se no Brasil um contingente cada vez mais significativo de pessoas com deficiência que vivenciam melhores condições de acessibilidade na sua trajetória educacional e, conseqüentemente, conquistam espaços como o ensino superior” (Joca, Munguba, Barbosa, & Sato, 2019, p. 22).

Em relação ao ensino superior, contata-se que as instituições foram pegadas de surpresa com a chegada, em maior número, dessas pessoas com demandas específicas. Como assegura Sá (2018, p. 9),

Não faz muito tempo que a temática da inclusão povoa nossas instituições de ensino superior. É preciso assumir: só no último quarto de século orientamos realmente nossos olhares e ações para aspectos como diversidade, diferença, necessidades subjetivas e objetivas, processos especiais de ensino e aprendizagem e, claro, deficiência (grifo do autor).

Com isso, percebe-se que o profissional de psicologia deve desenvolver aproximação dos mais diversos públicos e suas necessidades educacionais específicas, promovendo o desenvolvimento de estratégias que alcancem as diferenças nos variados níveis de ensino, a fim de propiciar espaços acessíveis e fomentar as políticas educacionais inclusivas. Como asseguram Gomes & Souza (2011), a constituição de uma nova identidade para o psicólogo escolar compreende o respeito às diferenças, para que possa exercer o papel de agente social transformador da realidade nas escolas. A fidedignidade acerca do processo de empoderamento da pessoa com deficiência surge como alvo do psicólogo em formação mediante a troca de experiências, isso porque é através da experiência que o profissional da psicologia permeia a realidade quanto à inclusão e acessibilidade do sujeito, acessando um lugar de trocas pessoais e desenvolvendo propensão em aceitar o outro.

Para que isso aconteça, o profissional em formação deve considerar os elementos diversos, desde questões estruturais, atitudinais e de relacionamento, com a perspectiva de desenvolver, em sua práxis, o respeito às diferenças, evitando a segregação de grupos particulares com o intuito de subtrair a exclusão social e educacional. Tudo parece muito

novo, ao triangular o papel do psicólogo no ensino superior e a inclusão de pessoas com deficiência no meio universitário. Possível de se perceber pela

pouca presença desse profissional nesses espaços, resumida bibliografia que aborde o assunto e lacuna na preparação para essa área, no que diz respeito às propostas curriculares, ou por outro lado, ao que se refere à formação, há dicotomia entre teoria-prática e a ausência de domínio de conteúdo para atuação com pessoas com necessidades educacionais especiais e no trato das pessoas com deficiência e suas demandas específicas (Carvalho, Joca, & Munguba, 2017, p. 189).

Em contrapartida, com o estudo ora apresentado, nota-se que, ao se criar um espaço de escuta para o estudante universitário, a Instituição de Ensino Superior (IES) revela que o seu objetivo além da área cognitiva, abrange várias competências na proposta de formação do estudante, como também, “pode ser promotora de ambiente que favoreça a aceitação, o bem-estar e a inclusão das minorias, e que ensina a valorização do outro em sua diferença e a atuação profissional com respeito às pessoas” (Carvalho, Silva, Joca, & Munguba, 2019, p. 16).

Entende-se que a instituição educacional se apresenta, independentemente de ser nível fundamental, médio ou superior, como um campo fundamental para a promoção de saúde em toda a sua abrangência, interligando vários profissionais de diversas áreas. Nesse sentido, é imprescindível compreender que o ofício do psicólogo educacional, bem como o de toda equipe educacional ou da saúde, deve buscar melhor qualificação com a finalidade de promover saúde durante o processo de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, a promoção de estágios no âmbito da Psicologia Educacional, numa perspectiva inclusiva nessas instituições, oportuniza que psicólogos em formação sejam expostos a situações reais que envolvam a demanda de acolhimento e busca de estratégias de mediação da aprendizagem de alunos com necessidades específicas nesse contexto.

Respondendo a essa demanda, o Programa de Apoio Psicopedagógico (PAP) da Universidade de Fortaleza tem ofertado esse tipo de oportunidade de formação. Diante disso, é possível sintetizar o que seria o estágio desenvolvido, nas palavras de egressos do setor, ao ponderarem que, “iniciar as atividades como psicólogo em formação nesse programa propicia uma experiência de escuta clínica e de atuação educacional, bem como o exercício de promover a inclusão e a acessibilidade no espaço da instituição de ensino superior” (Carvalho Neto, Silveira, & Joca, 2018, p. 107). De forma complementar, em relação ao estágio em Psicologia, “defende-se que conceitos tais como autonomia pessoal, responsabilidade, solidariedade social, respeito à diferença, dignidade da vida humana, democracia e cidadania

representam um norte que deve alicerçar um horizonte ético plausível e estar presente no exercício profissional do psicólogo” (Dias & Rego, 2020, p. 15).

Diante do que foi exposto, este artigo pretende apresentar as experiências vividas, por três das autoras, quando estagiárias de Psicologia Educacional, em um setor de psicologia, em períodos subsequentes, de 2015 a 2019, com a perspectiva de inclusão no Ensino Superior.

## 2. Metodologia

O desenho do estudo se configura como relato de experiência (Minayo, Deslandes, & Gomes, 2015) de estágio em Processos Educativos e Sociais (Psicologia Educacional) e pesquisa documental (Minayo, Deslandes, & Gomes, 2015), referente aos registros da orientadora de estágio, relatórios e transcrições de atendimento das três estagiárias do curso de Psicologia.

O local do estudo é denominado de Programa de Apoio Psicopedagógico (PAP) da Universidade de Fortaleza, Ceará, Brasil, setor responsável pela promoção da acessibilidade e da inclusão, na instituição, além de se constituir como campo de estágio para os estudantes de Psicologia.

O estudo ora apresentado surgiu com o objetivo de descrever as atividades desenvolvidas por três psicólogas que desenvolveram o estágio psicoeducativo, neste programa, na perspectiva da Psicologia Educacional, perpassada pela proposta de acessibilidade e respeito às diferenças no Ensino Superior.

As estagiárias, em questão, desenvolveram as suas atividades em períodos diferentes, de acordo com a data do ingresso na universidade e da colação de grau, de cada uma, e da oportunidade de estágio oferecida pelo programa.

A primeira permaneceu por dois anos, de março de 2015 a março de 2017, a segunda, contou com 9 meses, no período de abril de 2017 a janeiro de 2018, e, a terceira, atuou por 1 ano e 4 meses, que compreendeu o período de março de 2018 a julho de 2019, com o recebimento da bolsa institucional para desenvolver as suas atividades no setor de acessibilidade.

Para isso, foram revisitados os registros efetivados no período do estágio, mediante o uso de diário de campo (Minayo, Deslandes, & Gomes, 2015), considerando tanto os atendimentos individuais, como os atendimentos em grupo.

Ressalta-se que os estudantes beneficiados são provenientes dos Centros de Ciências da Graduação: Ciências da Comunicação e Gestão, Ciências Jurídicas, Ciências da Saúde e Ciências Tecnológicas.

As informações coletadas foram consideradas por meio da análise temática de conteúdo (Bardin, 2016). Da análise emergiram os núcleos temáticos: agente de acessibilidade e inclusão, apoio psicopedagógico, apoio psicológico e facilitadoras de oficina de habilidades emocionais.

### **3. Resultados e Discussão**

Apresenta-se a atuação dessas psicólogas em formação no desenvolvimento de seus estágios em Psicologia Educacional, com acolhimento de demandas diversas no PAP, com o intuito de propor a equidade de participação do aluno nos espaços educacionais.

Nesse contexto inclusivo, as estagiárias desenvolveram atividades para acolher as demandas de acessibilidade e inclusão, desde o processo de ingresso dos alunos à universidade, pelo vestibular, passando pelo acolhimento de necessidades educacionais específicas, até a experiência do atendimento psicoeducativo e a escuta psicológica. Diante do levantamento realizado, a partir do preenchimento de formulários criados no setor, foram contabilizados, no geral, 735 atendimentos individuais e 180 atendimentos em grupo, nas oficinas, pelas três psicólogas em seus períodos de estágio, onde as três facilitaram o grupo.

Os atendimentos individuais ocorreram mediante à demanda de alunos que se apresentavam ao PAP solicitando atendimento psicológico ou psicopedagógico. Nesses casos, ao chegar no setor, os estudantes eram encaminhados pelo auxiliar administrativo para os psicólogos em formação, que melhor se adequavam aos horários disponibilizados.

Além do acolhimento de PcDs, havia demandas a partir da queixa da aprendizagem, que necessitavam compreensão da psicopedagogia para realizar apoio àqueles que apresentavam dificuldades e transtornos da aprendizagem. Por fim, mesmo sendo uma formação em psicologia educacional, não era possível negar a escuta psicológica para o estudante que nos trazia, como queixa, o seu sofrimento psíquico, a sua dor por problemas familiares e pessoais ou por uma sobrecarga acadêmica, considerando que “a formação profissional no curso de Psicologia tem por ideia inicial refletir favoravelmente na persecução de soluções para as necessidades da sociedade” (Pereira, Pereira & Nunes, 2020, p. 25).

Com a finalidade de que houvesse um funcionamento assertivo dos encaminhamentos, o bom desempenho da comunicação interna, da ética e a garantia do sigilo



sobre as demandas dos estudantes, que buscavam o apoio do setor, fora estabelecida uma ordem de prioridades que indicavam dados próximos a realidade do sujeito e apontavam para o nível de emergência de cada atendimento, em uma escala de prioridade 1, 2 e 3. Ressalta-se, no momento, que essa categorização era generalista e não pretendia enquadrar os estudantes de forma patológica. Ocorria, apenas, com a finalidade de organizar o fluxo dos atendimentos diante das diversas demandas.

Apresentando do grau de menor para maior gravidade, considerava-se prioridade 3 – queixas relacionais a conflito com o curso, e transtornos ou dificuldades de aprendizagem, além de demandas de acessibilidade (por já ter acompanhamento contínuo). Prioridade 2 – quando relatavam depressão, ansiedade, síndrome do pânico, autismo, conflitos familiares, transtorno obsessivo compulsivo ou comprometimento neurológico. E por fim, prioridade 1 – revelava demandas mais emergenciais, que apresentavam ideação ou tentativa de suicídio, surto psicológico, mutilação, patologias psiquiátricas, risco de morte para si ou para o outro e luto. Desse modo, diante da procura dos alunos pelo serviço, direcionada pelo nível de prioridade, a assistência era prestada aos discentes.

Vale salientar, que a forma como o estudante buscava o setor, era bem variada, poderia ser espontaneamente, indicado por colegas, por professores, pela coordenação ou pelo Programa Tutorial Acadêmico (PTA). Nos casos emergenciais, muitas vezes, chegavam acompanhados por um professor ou um colega de seu convívio.

### ***Agente de acessibilidade e inclusão***

A fim de compreender a realidade dos estudantes com suas diferenças objetivas e subjetivas, as estagiárias fizeram uma imersão no mundo dessas pessoas por meio da vivência com a possibilidade de apresentar alguma deficiência (simulações), referentes ao uso de cadeira de rodas nos espaços da universidade, o uso de plataformas elevatórias, reconhecimento dos espaços acessíveis, a locomoção privadas de visão, a experiência de comunicação por língua de sinais, além dos debates desenvolvidos a partir de filmes que envolviam a temática da deficiência em suas diversas categorias: físicas, sensoriais e cognitivas. Associadas ainda, à participação em eventos com diálogos sobre saúde mental e os debates de filmes, a partir do projeto “PAP com Pipoca”, sessões de filmes promovidas pelo próprio setor, com as temáticas de inclusão e saúde mental.

Desse modo, baseadas na fase de aprendizado por simulações, as estagiárias passaram a conviver com as pessoas com deficiência, em seu dia a dia no contexto universitário,



exercendo, muitas vezes, a função de agentes inclusivos ao possibilitarem a participação equânime da pessoa com deficiência visual, na sala de aula, por meio da adaptação de material para áudio apoiado nos textos propostos pelas disciplinas, apoiá-los na mobilidade pelo campus e exercendo o papel de ledoras, nas avaliações. No tocante à surdez, entraram em contato com a língua de sinais na comunicação cotidiana do PAP e buscaram aprender a Língua Brasileira de Sinais (Libras), para os primeiros atendimentos, além de uma das autoras se aperfeiçoar e se tornar uma psicóloga com formação bilingue (Português/Libras) para realizar a escuta do estudante surdo sem interferência de um terceiro (o intérprete de Libras). Em relação aos estudantes com deficiência física, contribuíram com o setor e com a instituição para o desenvolvimento da acessibilidade arquitetônica, garantindo a oferta de carteiras acessíveis, informativos e acompanhamento da existência de recursos necessários.

Com toda essa imersão no mundo das pessoas com deficiência, o estágio desenvolve nos psicólogos em formação, competências e habilidades para lidar, acolher e acreditar nas pessoas que apresentam deficiência ou necessidades educacionais específicas, além da sensibilidade para perceber que “infelizmente, ainda há, por parte da sociedade como um todo, inclusive nas instituições de ensino, a concepção de deficiência associada à doença, no qual a pessoa com deficiência é focalizada a partir de suas limitações” (Melo & Araújo, 2018, p.62). Visão arcaica que limita ou aniquila as potencialidades existentes no sujeito e que geram uma pseudo inclusão ou a falta total de acesso.—Pois, nos estudos e debates, foi percebido que, em muitas IES, apesar da inserção da pessoa com deficiência no Ensino Superior, não havia como garantir a permanência do estudante PcD e, conseqüentemente, ocorria a evasão.

Por outro lado, há o viés do respeito e da aceitação das diferenças, grandemente é defendido pelo programa que promoveu o estágio, conforme asseguram Munguba, Vieira & Porto (2015, p. 464): “Destaque-se que a incapacidade já não é considerada a mera consequência de uma deficiência. O modelo social de incapacidade tem acentuado a consciência de que as barreiras à participação são causas muito importantes de deficiência”.

### ***Apoio psicopedagógico***

Os atendimentos individuais que compreendem o apoio psicopedagógico, trazem um enriquecimento das atividades das estagiárias ao se perceber que é possível a retirada do estudante, que traz histórias de fracasso escolar, ao entrar em contato com as suas competências e se tornar protagonista de seu processo de aprendizagem, quando se sente

convocado a pensar em sua escolarização e nas barreiras que o impedem de seguir de forma fluida. Nesta modalidade, surgem desde dificuldades de aprendizagem pontuais, a transtornos de aprendizagem, como dislexia, discalculia, disgrafia e disortografia, e, também, as demandas de Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), deficiência intelectual e os comprometimentos neurológicos. O foco não era dado às deficiências, mas sim às potencialidades individuais. Desenvolvia-se estratégias de apoio que levassem o sujeito reconhecer as suas limitações e suas fortalezas,—e ir em busca de empoderamento para enfrentar as barreiras.

Em alguns momentos, o estudante com deficiência, também, trouxe a queixa de aprendizagem e seguiu a mesma forma de atendimento dos demais, sendo acrescentadas as técnicas de acessibilidade. Todas essas demandas eram trabalhadas e passadas orientações aos professores sobre a melhor forma de conduzir e de se envolver, juntamente com o estudante, no processo ensino-aprendizagem. O atendimento fora enriquecido, quando a procura se deu por um estudante surdo, e a psicóloga em formação era fluente na língua de sinais e, a partir de então, percebeu-se a grande importância das psicólogas desenvolverem o bilinguismo, para amenizar o ruído na comunicação, que poderia ocorrer pela presença de intérprete no atendimento.

Em consonância ao que foi dito, é possível afirmar que “a formação globalizante do psicólogo exige em sua formação uma ampliação de leitura de mundo e desenvolvimento do respeito à diversidade humana” (Joca, Munguba, Barbosa, & Sato, 2019, p. 19). Então, constata-se que essas vivências proporcionadas durante o período de estágio, em relação às variadas necessidades educacionais e à acessibilidade curricular e estrutural, ficaram mais claras para as psicólogas em formação, gerando empatia e preocupação com os processos de inclusão e exclusão educacionais, além de aperfeiçoar a escuta sensível.

### ***Apoio psicológico***

Durante os encontros de supervisões coletivas, as psicólogas em formação, anterior à experiência de estar com um aluno em atendimento, experienciavam o atendimento a partir da metodologia educacional do paciente simulado, com o intuito de entrarem em contato com o sofrimento psíquico no Ensino Superior. Considerando que,

O Paciente Simulado é uma ferramenta de ensino-aprendizagem que, está fazendo parte do instrumental didático obrigatório a todas as escolas médicas e hospitais do

Brasil. O teatro, nesse contexto, se aproxima da ciência para buscar profissionais da saúde mais humanos, críticos e reflexivos (Passos, 2016, p. 22).

Tal ferramenta tem dado bons resultados não só nos cursos de medicina, mas em todas as áreas da saúde. Joca e Saraiva (2018) ressaltam que essa exposição favorece o desenvolvimento de habilidades e atitudes voltadas ao atendimento das diferenças, para além da aprendizagem formal no curso de Psicologia, e enriquece o estagiário no manejo de intervenções necessárias à escuta, nos atendimentos.

A partir de então, as estagiárias mostravam-se prontas para iniciarem a modalidade de escuta psicológica, para com aqueles que procuravam o setor por apresentarem demandas emocionais e sofrimento psíquico e identificavam que em sua instituição havia um espaço de escuta para as suas dores. Tal escuta se constituía como atendimento individual, que ocorria em uma sala, cuidadosamente preparada para receber o aluno, de forma que se sentisse seguro e confortável; quanto ao ambiente e ao sigilo. “Tal proposta, expressa um olhar para o sofrimento psíquico que se encontra no ambiente universitário, o que representa uma visão e ação que se orientam para além dos problemas relacionados à aprendizagem e acessibilidade” (Carvalho Neto, Silveira, Joca, & Munguba, 2016, p. 6-7). Isso, sem se constituir como psicoterapia desenvolvida no meio acadêmico, mas como um espaço de escuta e acolhimento.

### ***Facilitadoras de oficina de habilidades emocionais***

Além dos atendimentos individuais, o estágio proporcionou atividades realizadas em grupos, como oficinas para estudantes da universidade que se sentiam nervosos e/ou com ansiedade acentuada em relação às atividades avaliativas. Grupo denominado (Pre)tensão – oficina de habilidades emocionais, que iniciou as atividades em 2016 e permaneceu com a proposta nos anos seguintes. As estagiárias exerceram a função de facilitadora, em anos diferentes.

Esta ocorria em periodicidade quinzenal, em sala climatizada e organizada com a finalidade de proporcionar acolhimento e segurança aos alunos, dentro de um ambiente harmonioso e confortável que instigasse os alunos a falarem e a refletirem sobre os seus medos e obstáculos frente ao processo avaliativo ou, ainda, de expandirem essa reflexão para identificarem de onde e desde quando esses medos surgiram, sempre, entendendo a singularidade e a história de cada participante. Em outras palavras, as atividades geravam

questionamentos que os implicavam a refletir sobre sua história de vida e os intrigavam, mobilizando-os para busca de mudança e superação.

Ressalta-se que, quanto aos atendimentos grupais na *(Pre)tensão*, que “[...] a grande maioria dos alunos não sabe e não está preparada para lidar com situações ansiógenas” (Boruchovitch, & Costa, 2009, p. 140), visto também no âmbito do Ensino Superior. Percebeu-se, então a demanda de associar o cunho terapêutico nos atendimentos grupais. Como aponta Rogers (2002), que existem em cada indivíduo recursos para a autocompreensão, assim como para rever e modificar o seu autoconceito e atitudes, que podem ser acessados mediante um clima favorável às atitudes psicológicas facilitadoras.

Por meio da vivência e condução do grupo oficina *(Pre)tensão*, foi constatado em estudo anterior sobre tal oficina proposta pelo PAP, registrado por Joca, Carvalho, Silva & Munguba (2019), que a relevância da escuta e intervenção de seus participantes era identificada a cada encontro. Além da identificação de que os estudantes demonstravam medo e ansiedade referentes a atividades avaliativas por motivos como dificuldade de organização da rotina de estudo ou por abalos psicológicos devido ao seu cotidiano, mostrando, desse modo, que os espaços de fala, criados para os estudantes no contexto da instituição educacional, podem levar ao preenchimento de lacunas em seu processo acadêmico por desenvolver a capacidade de se perceber como capaz e coparticipe de sua aprendizagem e enfrentamento de dificuldades.

Além disso, o sentimento de pertencimento que se desenvolve nesses momentos grupais é enfatizado por Yalom (2006), ao afirmar que a necessidade de pertencer se constitui como uma característica do ser humano, apontando que no momento grupal ocorre o compartilhamento afetivo do mundo interior de cada um e a consequente aceitação dos demais membros do grupo, sem rejeição e sem julgamento.

Em consonância ao que vem sendo dito, percebe-se que o sujeito, ao se sentir acolhido em um setor que fomenta a inclusão e é constituído por profissionais e psicólogos em formação que oferecem a perspectiva de agentes de transformação por meio de suas práxis de respeito às diferenças e de promoção de bem-estar, apresenta como resultado um fluxo que conduz a permanência desse estudante que faz parte de uma minoria e que, muitas vezes, se sentia em situações desiguais. Diante disso, Pacheco, Eggertsdóttir & Marinósson (2007) refletem que uma característica geral dos serviços de apoio nas escolas é que atuam a partir de uma postura colaborativa e trabalham com os professores a fim de criar conhecimento compartilhado para enfrentarem os vários desafios apresentados pela inclusão, não só da pessoa com deficiência, mas daqueles que se sentem diferentes.

#### 4. Considerações Finais

Perante o exposto, considera-se o estágio de psicologia desenvolvido, em um setor de inclusão, acessibilidade e escuta, como algo adicional à formação do psicólogo na medida em que se pretende tornar-se um profissional implicado em todas as suas atividades, bem como objetiva ampliar e potencializar o respeito às diferenças, inseridas na comunidade acadêmica e na sociedade. Como também, foi possível perceber que houve acréscimos significativos no aprendizado construído por meio dos estudos teóricos e das experiências práticas realizadas nas atividades desenvolvidas e nas trocas sociais estabelecidas em um cenário educacional diversificado.

O estudo possibilitou identificar que percorrer a inclusão social no contexto do Ensino Superior requisita a modificação de olhares, de conceitos e de comportamentos. E necessita, em alguns momentos, que se desenvolvam novas construções conceptivas acerca das diferenças e do respeito às diferenças.

Outro aspecto relevante diz respeito às supervisões das atividades desenvolvidas pelas estagiárias que eram realizadas de forma individual ou em grupo, as quais consideravam a operacionalização e reflexão sobre o que havia sido desenvolvido, denotando implicação das estagiárias em sua formação e a ressignificação do que viria a ser diferenças, para cada uma. Tais encontros, eram ricos em trocas por permitirem dialogar sobre erros e acertos, conhecimentos práticos e teóricos, para assim, promover a retroalimentação de conhecimentos e sentidos que contribuiriam para a capacitação das psicólogas em formação e para o aprimoramento do setor.

Desse modo, pode-se afirmar que tal formação, desenvolvida com tamanha implicação, gerou empoderamento e construção de competências e habilidades imprescindíveis à prática de um bom psicólogo.

Induz-se a relevância deste estudo com o foco nas vivências de três estagiárias, por contribuir para a reflexão sobre a formação do psicólogo, suas habilidades e competências necessárias diante do paradigma da inclusão no Ensino Superior e a relevância do setor de inclusão em IES, que abre espaço para um estágio perpassado pelo respeito ao outro. Constatou-se a necessidade de se buscar conhecimentos e desenvolver práticas de respeito às diferenças, além de desenvolver a busca por equidade na Educação Superior, além de chamar a atenção para precária literatura sobre a temática da inclusão e formação do psicólogo, o que resulta na necessidade de novas pesquisas na área.

## Referências

Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Tradução de Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70.

Boruchovitch, E., & Costa, L. (2009). O impacto da ansiedade no rendimento escolar e na motivação de alunos. Em Boruchovitch, E., Costa, L., Bzuneck, J. A. (org.). *A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea*. (4a ed., pp. 134-147). Petrópolis: Vozes.

Carvalho, D. R., Joca, T. T., & Munguba, M. C. (2017). Preparando o psicólogo em formação para a atuar na educação inclusiva em nível superior. In A. Kaplan & D. Blasco (Orgs.), *Actas del III Congreso Internacional sobre Problemáticas en Educación y Salud: niños y jóvenes con discapacidad - de la patologización a la inclusión* (pp. 189-194). Buenos Aires: Sociedades Complejas.

Carvalho, D. R., Silva, R. N., Joca, T. T., & Munguba, M. C. (2019). A formação do psicólogo educacional e seus novos contextos: um relato de experiência. *Revista Educação em Debate*, 41(78), 9-19. Recuperado de <http://www.periodicosfaced.ufc.br/index.php/educacaoemdebate/article/view/824/457>

Carvalho Neto, A. S., Silveira, F. C. dos S., Joca, T. T., & Munguba, M. C. (2016). O direito à educação e a inclusão no ensino superior: prática de um programa de apoio aos estudantes para formação dos indivíduos. *Anais do II Congresso Internacional de Educação Inclusiva e Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva, Campina Grande, PB, Brasil, 2*. Recuperado de [http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/TRABALHO\\_EV060\\_MD1\\_SA12\\_ID3648\\_23102016203438.pdf](http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/TRABALHO_EV060_MD1_SA12_ID3648_23102016203438.pdf)

Carvalho Neto, A. S., Silveira, F. C. dos S., & Joca, T. T. In T. T. Joca. M. C. Munguba, D. R. Carvalho, N. dos S. Almeida & E. C. F. e Silva (orgs.), *Nuances da inclusão no ensino superior*. (pp. 107-118). Jundiaí: Paco Editorial.

Dias, F. A., & Rego, S (2020). Estudo sobre a formação ética dos estudantes de psicologia. *Research, Society and Development*, 9(4): e22942978. doi: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i4.2978>

Gomes, C., & Souza, V. L. T. (2011). Educação, Psicologia Escolar e Inclusão. *Revista Psicopedagogia*, 28(11), 185-193. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v28n86/09.pdf>

Joca, T. T., Carvalho, D. R., Silva, R. N., & Munguba, M. C. (2019). (Pre)tensão, desenvolvendo habilidades emocionais na universidade – um relato de experiência. In Sousa, I. V. de (org.), *Educação inclusiva no Brasil: altas habilidades e autismo*. (pp. 121-133). Jundiaí: Paco Editorial.

Joca, T. T., Munguba, M. C., Barbosa, J. W., & Sato, R. H. N. P. (2019). Espaço de atenção ao aluno: formação do psicólogo perpassada pela educação inclusiva e o sofrimento psíquico no ensino superior. In F. H. de Freitas (Org.), *Psicologia e interdisciplinaridade: encontro de saberes*. (pp. 19-38). Jundiaí: Paco Editorial.

Joca, T. T., & Saraiva, M. S. M. de F. (2018). A ética na intervenção psicológica nos atendimentos do PAP, sob a perspectiva da inclusão educacional. In T. T. Joca, M. C. Munguba, D. R. Carvalho, N. dos S. Almeida & E. C. F. e Silva (orgs.), *Nuances da inclusão no ensino superior*. (81-94). Jundiaí: Paco Editorial.

Melo, F. R. L. V., & Araújo, E. R. (2018). Núcleos de Acessibilidade nas Universidades: reflexões a partir de uma experiência institucional. *Psicologia Escolar e Educacional*. Número Especial, 57-66. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pee/v22nspe/2175-3539-pee-22-spe-57.pdf>

Minayo, M. C. de S., Deslandes, S. F., & Gomes, R. C. (2015). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. (34a ed.). Petrópolis: Vozes.

Munguba, M. C., Vieira, A. C. V. C., & Porto, C. M. V. (2015). Da invisibilidade à participação social: promoção da saúde em pessoas com deficiência. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*. 28(4), p. 463-466. Recuperado de <https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/4410/pdf>



Pacheco, J., Eggertsdóttir, R., & Marinósson, G. L. (2007) *Caminhos para a Inclusão: um guia para o aprimoramento da equipe escolar*. Tradução de Gisele Klein. Porto Alegre: Artmed.

Passos, G. M. (2016). A importância do paciente simulado como recurso pedagógico na formação do médico. *Revista UNILUS Ensino e Pesquisa*, 13(33): 21-7. Recuperado de <http://revista.unilus.edu.br/index.php/ruep/article/view/770/u2016v13n33e770>

Pereira, M. D., Pereira, M. D., & Nunes, A. K. F. (2020). Estágio curricular supervisionado em Psicologia Clínica à luz das DCNs. *Research, Society and Development*, 9(8): e440985900. doi: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i8.5900>

Rogers, C. R. (2002). *Grupos de encontros*. Tradução de Joaquim Proença. (8a ed.). São Paulo: Martins Fontes.

Sá, H. L. do C. (2018). Em direção a um processo mais inclusivo na educação superior, para além da retórica. In T. T. Joca. M. C. Munguba, D. R. Carvalho, N. dos S. Almeida & E. C. F. e Silva (orgs.), *Nuances da inclusão no ensino superior*. (pp. 81-94). Jundiaí: Paco Editorial.

Unesco. (1994). Declaração de Salamanca. Necessidades Educativas Especiais – NEE. Em *Conferência Mundial sobre NEE: Acesso em Qualidade* – Unesco. Salamanca: Unesco. Recuperado de <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>

Yalom, I. D., Leszcz, M. (2006). *Psicoterapia de grupo: teoria e prática*. Tradução de Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed.

#### **Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito**

Débora Rocha Carvalho – 20%

Ana Rebeca Medeiros Nunes de Oliveira – 20%

Rafaelly Naira Silva – 20%

Terezinha Teixeira Joca – 20%

Marilene Calderaro Munguba – 20%